

O que é o Forró?



**Um pequeno apanhado da
história do forró**

2017

TEXTO DE IVAN DIAS E SANDRINHO DUPAN





Universidade Estadual da Paraíba

Prof. Antonio Guedes Rangel Júnior | *Rector*

Prof. Flávio Romero Guimarães | *Vice-Rector*

Latius é um selo da Editora da

Universidade Estadual da Paraíba

Director

Luciano do Nascimento Silva

Conselho Editorial

Ailton Elisiário de Sousa | UEPB

Antonio Guedes Rangel Junior | UEPB

Elizabeth Cristina de Andrade Lima | UFCG

João Morais de Sousa | UFRPE

José Benjamim Pereira Filho | UEPB

Jomar Ricardo da Silva | UEPB

Luciana de Oliveira Chianca | UFRN

Luciano B. Justino | UEPB

Lutz Custódio da Silva | UEPB

Rômulo Azevedo | UEPB

Design Gráfico

Erick Ferreira Cabral

Jefferson Ricardo Lima Araújo Nunes

Leonardo Ramos Araújo

Comercialização e distribuição

Danielle Correia Gomes

Layse Ingrid Batista Belo

Divulgação

Zoraida Barbosa de Oliveira Pereira

Revisão Linguística

Antônio de Brito Freire

Eliete Amaral de Medeiros

Normalização Técnica

Antônio de Brito Freire

Jane Pompílio dos Santos

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei de Direitos Autorais nº 9.610/98.

**DEPÓSITO LEGAL NA BIBLIOTECA NACIONAL, CONFORME LEI Nº 10.994, DE
14 DE DEZEMBRO DE 2004**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL - UEPB

D541q

Dias, Ivan.

O que é o forró: um pequeno apanhado da história do
forró./Ivan Dias; Sandrinho Dupan. – Campina Grande: LATUS,
2017.

30 p.

ISBN 978-85-63984-66-1

1. Literatura brasileira. 2. História. 3. Forró. 4. Nordeste. 5.
Cordel. 6. Música. I. Título.

21. ed. CDD **B869.1**

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bodocongó - Bairro Universitário
Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br>
e-mail: eduepb@uepb.edu.br

FICHA TÉCNICA:

Cartilha edição 3 pandeiros

Editora – LATUS

Edição: 2º edição

Tiragem: 1.000 exemplares

ISBN: 978-85-63984-66-1

Autores: Ivan Dias e Sandrinho Dupan

Capa: Forró em vinil

Revisão e apresentação: Fernando Moura

Revisão das partituras: Pedro Miguel (Pedro II)

Supervisão técnica: Astier Basílio

Diagramação: Talitta Uchôa

Reitor UEPB: Antônio Guedes Rangel Jr.

Vice Reitor: Flávio Romero Guimarães

Pró-reitor de cultura: José Cristóvão de Andrade

Sumário

Apresentação	5
As origens do forró; De onde vem o forró?;O que é o forró? ; Conjunto de ritmos	6
O que a palavra Forró significa?	7
Dança; Ritmos	8
Samba	9
Coco	10
Baião	11
Xote	12
Arrasta pé	13
Xaxado	14
Forró;Rojão	17
Instrumentos	19
Ramificações do forró; Forró Tradicional (1940s); Principais Artistas do Forró Tradicional	20
Principais Sanfoneiros;	21
Principais Compositores;	22
Forró MPB (1970s);Principais Artistas do Forro MPB;Forró Eletrônico (1990s);	23
Principais Artistas e Bandas do Forró Eletrônico;	24
Forró Universitário (2000s);Principais Artistas e Bandas do Forró Universitário	25
Cenário atual;Principais Artistas Recentes do Forró Tradicional	26
Cenário futuro; Leituras complementares	28
Autores; Agradecimentos	39
Referências Bibliográficas	30

Apresentação

Toda raiz vem da semente

A mistura das raças no Brasil permitiria, ao longo dos séculos, o surgimento de uma cultura musical sem similaridades no restante do planeta, adornada por qualidades rítmicas, melódicas e poéticas, resultando numa diversidade de gêneros que embalam e encantam gerações. O forró é uma das árvores desse pomar sonoro.

Enraizado no nordeste brasileiro, o estilo e suas variáveis conquistaria o país e o mundo a partir do surgimento da indústria fonográfica e da “urbanização” de um cancionero essencialmente rural, disseminado por talentosos e desbravadores artistas, em períodos e feitos variados, a exemplo de Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Marinês, Abdias, João do Vale, Dominginhos, Sivuca, Jacinto Silva, Elino Julião, Genival Lacerda, Pinto do Acordeon, Anastácia, Nando Cordel, Maciel Melo, Elba Ramalho, Alceu Valença, Zé Ramalho, Geraldo Azevedo e uma gama de outros intérpretes, compositores e grupos (como o inigualável Trio Nordestino e as eternas marchinhas de Antônio Barros), que têm no forró tradicional o principal nutriente de suas bem sucedidas trajetórias, semeando vivências, memórias e muito forrobodó. Germinando arte na aridez do mercado.

Nesta cartilha, voltada para um público iniciante nos ritmos e danças do balaio forrozeiro (baião, coco, rojão, arrasta-pé, xaxado, xote, entre uma gama variada de outros toques e passos), os pesquisadores, músicos e produtores Ivan Dias e SandrinhoDupan reuniram dados e experiências, misturando batidas e movimentos com elementos históricos, essenciais a uma compreensão básica sobre o assunto. Jogam sementes no ar.

Tema complexo e abrangente, o forró ganha uma trilha segura aos que desejem, além de ouvir, dançar e cantar, entender um pouco sobre o fascínio que as músicas do cardápio nordestino exercem sobre homens e mulheres que se deixem abraçar por seus longos galhos sonoros, sensoriais e solenes: um trio de emoções garantidas.

Basta soprar a agulha, rodar o disco e passar os olhos.

Fernando Moura (Jornalista e escritor)

As origens do forró

Este texto pretende introduzir o(a) leitor(a) no amplo e fascinante universo do forró, das suas origens até a atualidade, abordando resumidamente algumas facetas dentro de tema tão cheio de detalhes. Uma base para futuros aprofundamentos.

De onde vem o forró?

A resposta é complexa, pois envolve aspectos históricos sobre música, dança e a própria miscigenação do Brasil, desde a colonização, passando pela escravidão, pelo cangaceirismo e evolução tecnológica. Abordagens relacionadas serão destacadas no decorrer da leitura, buscando um melhor entendimento.

O que é o “Forró”?

1. ‘Forró’ é um Gênero musical composto por um conjunto de ritmos.
2. ‘Forró’ é também um dos ritmos desse conjunto de ritmos.
3. ‘Forró’ é uma forma de dança.
4. ‘Forró’ é o nome de um tipo de festa.

Conjunto de ritmos:

Os ritmos mais importantes desse conjunto de ritmos são: coco, baião, xote (ou chote, ou ainda xótis), arrasta-pé, xaxado, rojão e forró.

Também fazem parte desse conjunto de ritmos o samba, a toada, o martelo, a rancheira, o quadrado, o maracatu, a brejeira, o chamego (ou xamego), a marcha, o galope, o calango, a embolada, o choro, entre outros.

O que a palavra “Forró” significa?

Muitos atribuem equivocadamente o termo “forró” à expressão “for all” (“para todos”), supostamente rascunhada pelos ingleses da companhia férrea “Great Western” – estabelecida no nordeste brasileiro por 70 anos, a partir de 1881 – como forma de atrair a soldadesca americana, durante a segunda guerra, às reuniões musicais (e dançantes) realizadas nos galpões das estações, também conhecidas como “a festa”, “o samba”, “o pagode”, “o zambé” e “o forró”. Mais antiga que as peripécias estrangeiras, não seria difícil imaginar exatamente o inverso, tendo a arraigada palavra do vocabulário local ativado uma espécie de “trocadilho bilingue”, sutil expressão do humor inglês misturada à inventividade tropical, pendurada nas famosas plaquinhas da memória coletiva. “Forroll”?

Mais convincente – e embasada – é a linha de raciocínio que aponta a palavra **forrobodó** como sendo a fonte original da abreviatura “forró”, que no ramo linguístico bantu, chegado ao Brasil com os escravos africanos, significava “bagunça” ou “confusão”, circunstâncias bem adequadas a esses bailes populares do interior nordestino do século XIX. Fossem nas casas de fazendas, terreiros dos sítios ou ruas dos povoados, os encontros misturavam variados estilos musicais, de acordo com a formação instrumental, normalmente centralizada na lendária sanfona de oito baixos, além do pífano, gaita ou rabeca. A esse eclético conjunto de gêneros e prazeres intitulou-se forró.

Nessas festas havia música tocada ao vivo e dança. Gente de todas as idades, casados, solteiros, crianças, adultos, jovens e idosos, dançavam sozinhas ou em pares.

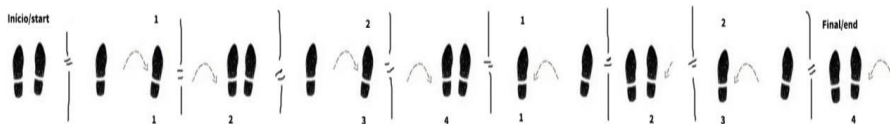
A expressão ganharia maior força com a expansão da indústria fonográfica e o surgimento do pernambucano Luiz Gonzaga, a partir da década de 1940, e o paraibano Jackson do Pandeiro, no início dos anos 1950, dois dos principais expoentes da popularização nacional de ritmos originalmente nordestinos, como o baião, o coco, o rojão, o xaxado, o arrasta-pé, o maracatu, a ciranda, a embolada, entre outros, cancelados todos com o selo “forró”.

As rádios e os discos espalharam o forró para todos os cantos do Brasil, divulgando a música e fomentando adança.

Dança:

Forró é música, mas também é dança. Gêmeas siamesas, uma depende da outra para atingir seus objetivos estéticos e sensoriais. Uma chama a outra para o calor da festa. Assim como as sonoridades, a coreografia do forró também abunda em variações, dependendo dos espaços e influências recebidas.

O passo básico de dança para a maioria dos ritmos do forró é conhecido como “dois, dois”, ou seja: “dois pra cá e dois pra lá”. Dois pra um lado e dois pro outro. Dois pra frente e dois pra trás. Direita, direita, esquerda, esquerda.



A partir daí, recebem os giros, pausas e floreios, mas sempre mantendo a métrica do “dois, dois”.

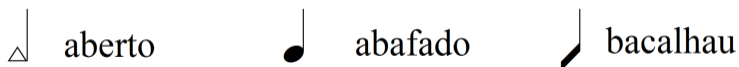
De nítida influência europeia (a exemplo das quadrilhas juninas), o formato privilegia o cavalheiro na condução da dama.

Ritmos:

Para melhor entendimento dos ritmos e suas células, a zabumba é o instrumento ideal para a tarefa. Instrumento central da bateria percussiva, é um dos responsáveis pela base rítmica do forró. A zabumba é basicamente um tambor com duas membranas (peles), sintéticas ou de couro animal, uma em cima e outra embaixo, cada uma responsável por uma afinação diferente. Na parte de cima é usada a “macepa”, tipo de baqueta responsável pelos sons graves e médios, que podem ser abertos, fechados ou condutores de

efeitos entre aro e borda da pele; na pele de baixo é usado o “bacalhau” ou “vareta”, baqueta mais fina, responsável pelos sons agudos. A afinação é feita pelo tensionamento das membranas usando tarraxas presas a um aro que prende a membrana.

Na produção dos sons percussivos, para as partituras de cada ritmo, será usada a seguinte legenda:



A música brasileira em geral, e em especial os ritmos que compõem o “forró”, têm origem comum: a mistura da percussão africana com as melodias e harmonias europeias. Essa mistura é a mãe de todos os ritmos brasileiros, sendo o samba um dos mais antigos.

Para entender a origem dos ritmos que compõem o forró, é necessário conhecer primeiro a origem do samba.

Samba:

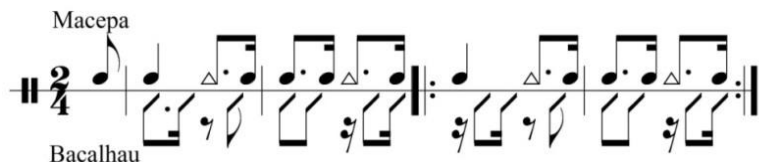
“Samba” vem de “semba”, palavra de origem africana que significa umbigada (chocar-se um ao outro com as barrigas, os umbigos). O “semba” era um tipo de música e um tipo de dança. O “semba” é o pai do “samba”.

Em diferentes estados brasileiros, o samba recebeu variadas influências e em cada lugar adotaria múltiplos ‘sotaques’. Usar a palavra sotaque para essa definição é apenas uma metáfora, pois, ritmicamente o samba é sempre samba, com pequenas variações e diferentes andamentos.

Alguns dos tipos de samba:

Samba de coco, de roda, de breque, de enredo, samba-canção, choro, samba-rock, de partido alto, sambalanço, samba matuto, de gafieira, bossa nova, pagode, maxixe, carioca, paulista, “sambandido”, entre outros.

Samba Matuto, Zabumba:



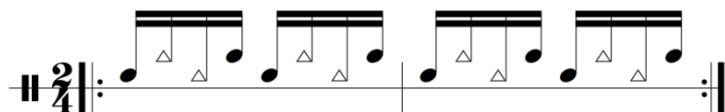
Coco:

O ritmo Coco vem como a primeira variação do Samba. Nos quilombos, os ex-escravos de origem africana misturaram sua percussão e sua dança, com algumas melodias e harmonias europeias, acrescidas de outras danças e a percussão corporal dos índios brasileiros.

Zabumba, coco:



Triângulo, coco:



Originalmente era chamado de “samba de coco” e com o tempo evoluiu para apenas “coco”. Era tocado com ganzá, alfaia e som dos pés batendo no chão, chamado de ‘trupé’.

Dependendo das influências regionais, o coco também ganhou variações, como o coco praiano, coco de roda, de embolada, de ganzá, de pandeiro, de umbigada, sincopado, quadrado, pernambucano, alagoano, paraibano, entre outros.

O coco normalmente é associado com o paraibano Jackson do Pandeiro, conhecido como “rei do ritmo”, por ter sido o responsável pela ‘urbanização’ do gênero, herdado da mãe, coquista renomada na região do brejo da Paraíba. Quando jovem, Jackson teve contato com instrumentos de orquestra, adaptando-os (principalmente os harmônicos e pandeiro) ao seu estilo inigualável de cantar coco.

Depois de Jackson do Pandeiro, o ‘Coco’ nunca foi o mesmo, hoje tem sua imagem muito associada ao pandeiro, por conta dele.

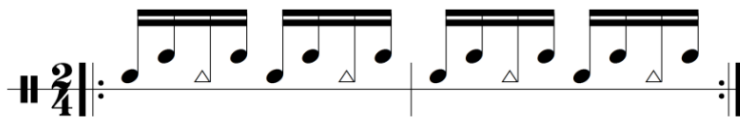
Baião:

Baião é a abreviação da palavra “baiano”, gentílico de quem nasce na Bahia, importante estado nordestino, berço da identidade cultural da nação.

Zabumba, baião:



Triângulo, baião:



O “baião” tem sua origem a partir da célula rítmica do lundu, um ancestral musical vindo da mistura das percussões dos bantus, com melodias e harmonias portuguesas. Era conduzido por dois tocadores de viola e cantado no sistema de desafio, semelhante aos repentistas e emboladores atuais.

No norte do Brasil, lundu, por ser um ritmo vindo do litoral, era chamado de “baiano”.

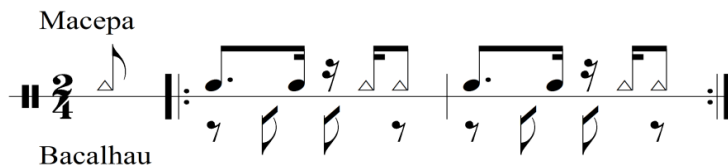
Luiz Gonzaga se inspirou no lundu para criar a célula musical do baião. Gonzaga é considerado o criador do ritmo “baião”.

Após muitas experiências, com diferentes instrumentos para acompanhar o acordeon, “seu Lua” concluiria que a formação mínima para se tocar forró seria sanfona, zabumba e triângulo – o famoso “trio de forró”.

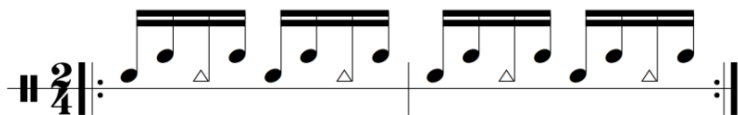
Xote:

O ritmo “xote” é uma evolução do ritmo ‘schottisch’, vindo da Escócia e também conhecido como “polca alemã”. É uma dança de casais, mistura de valsa com a polca, muito apreciada pela aristocracia europeia da época.

Zabumba, xote:



Triângulo. xote:

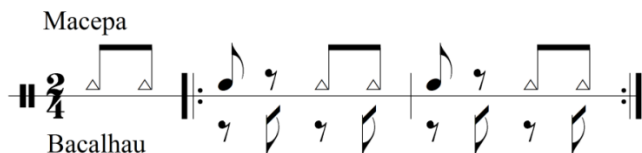


O ritmo chegou primeiro às grandes cidades e depois migrou para os ambientes mais rurais, absorvido pelas festas populares.

Arrasta-pé:

Esse é o ritmo que é tocado durante a quadrilha, evolução de músicas e danças europeia dos séculos XIII e XIV, difundidas pela aristocracia e burguesia francesas do século XVIII.

Zabumba, arrasta-pé:



Triângulo, arrasta-pé:



No Brasil, essa dança foi misturada com as festas populares e religiosas que celebram o sucesso das colheitas, associadas aos santos “juninos” Antônio, João e Pedro, que acontecem todo mês de junho.

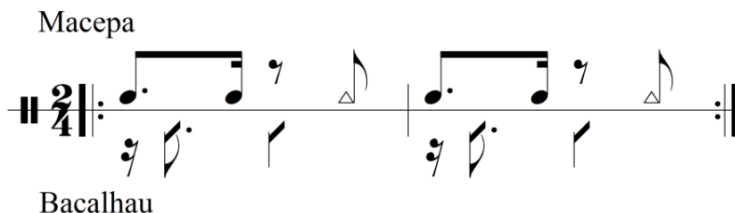
O passo básico do arrasta-pé é o mais simples e pode ser dividido em 4 passos: pé direito à frente, esquerdo à frente, direito pra trás e esquerdo pra trás. Sempre com a marcação de “um, um”. Direita, esquerda; direita, esquerda; direita, esquerda... Pode ser apenas marcado sem necessariamente deslocamento do lugar, assim como pode receber giros e movimentos livres.



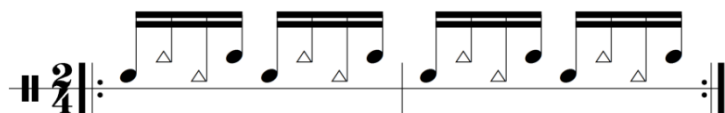
Xaxado:

Conhecido como “ritmo dos cangaceiros”, originalmente era tocado apenas com versos cantados e repetidos pelo coro.

Zabumba, xaxado:



Triângulo, xaxado:

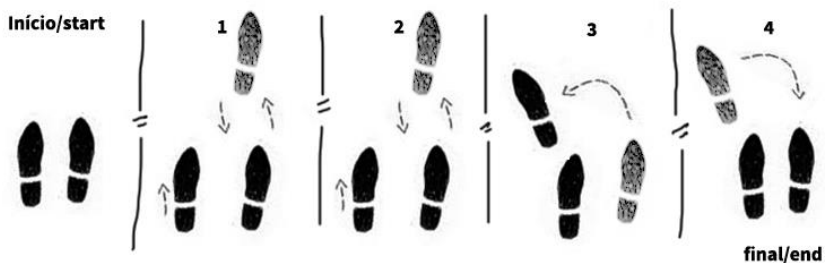


Para entender o xaxado é relevante saber o que foi o cangaço. Os cangaceiros eram integrantes de grupos de bandoleiros, guerreiros organizados hierarquicamente como soldados, existentes no nordeste brasileiro entre 1750 e 1940.

Na era do cangaço foi muito forte o banditismo social, o messianismo e o coronelismo, onde 'revoltosos' (Cangaceiros) viviam de saques a mão armada e sequestros atendendo demandas de coronéis e políticos. Nômades, se deslocavam por matas e caatingas da região, acampando em locais isolados ou em terras de coiteiros – denominação atribuída a cúmplices e padrinhos dos criminosos. Nesses assentamentos, a poeira levantava.

Xaxado é o ritmo. Pisada é a dança. Inicialmente uma dança exclusivamente masculina, pois não havia mulheres no cangaço. Os homens dançavam com as armas em substituição às damas.

O movimento da dança e a coreografia básica da pisada foram inspirados no plantio do feijão, usando um dos pés apenas como apoio, e o outro pé dando dois passos à frente e uma puxada lateral. Isso seria o mesmo movimento de deslocar, semear, cobrir a semente com o movimento lateral e dar duas pisadinhas em cima, já se deslocando para o local da próxima semente, andando mais dois passos e plantando mais uma semente.



Outra teoria para a origem da dança, em reforço à anterior, é a de inverter o calçado e se deslocar de costas apagando suas pegadas, tática usada pelos cangaceiros para evitar o rastreamento da polícia. O último homem da fila tentava apagar, ou pelo menos não deixar claro para que lado o bando se dirigia, em ardil de despiste.

Teorias que se complementam, pois embora os cangaceiros não plantassem e nem cultivassem a terra, eles observavam as pessoas em suas labutas. A inspiração viria do plantio, mas a aplicação no dia a dia pode ter sido por outro tipo de sobrevivência.

O nome xaxado tem várias origens possíveis, uma delas é que vem do efeito sonoro dos pés arrastando no chão (xa, xa, xa, xa...).

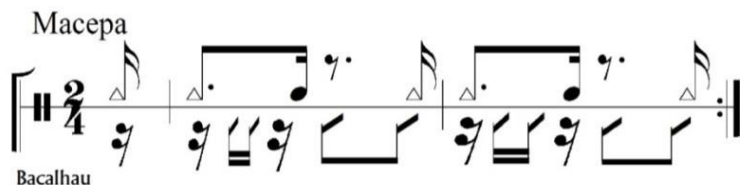
Outra possível origem, tanto para o nome quanto para a dança, é do ato de separar, com o pé, os grãos da palha. Xaxar o feijão. Após a colheita o agricultor deixa as vagens do feijão secarem ao sol e depois disso bate nelas com o pé, em movimentos ritmados de um lado para o outro.

No cangaço, as letras e versos das músicas tinham sempre a temática sobre a derrota de seus inimigos e as glórias das batalhas. Durante as batalhas, os combatentes usavam gritos de guerra para encorajar os companheiros de bando, sendo chamados de 'parraxaxá', muito similares às primeiras letras e versos do xaxado.

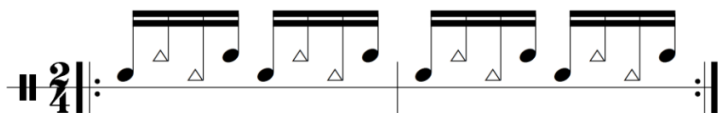
Forró:

É o nome de um conjunto de ritmos e é também um desses ritmos. É um dos ritmos mais “recentes”, tendo recebido influências de todos os anteriores.

Zabumba, forró:



Triângulo, forró:



Rojão:

O rojão tem a estrutura rítmica muito semelhante ao forró, se diferenciando com a incorporação de alguns instrumentos, como o cavaquinho e o pandeiro, responsáveis por uma célula rítmica do samba, enquanto os demais instrumentos básicos (sanfona, zabumba e triângulo) que mantém a célula rítmica do forró.

Essa variação surgiu quando os forrozeiros começaram a entrar em estúdio para gravar suas músicas, passando a ser acompanhados pelos instrumentistas de cada gravadora, cuja maioria vivia no Rio de Janeiro, tocando e gravando samba, entre os anos de 1940 e 1950. Tal circunstância faria com que o “sotaquesambista” acabasse influenciando o resultado final das gravações da época.

Dessa forma, o rojão é uma variação simples do forró: um forró sambado.

Zabumba, rojão:

Macepa

Bacalhau

Triângulo, rojão:

Pandeiro, rojão:

Legenda do pandeiro:

Aberto: Borda dedo: Borda punho: Slap:

Instrumentos:

Originalmente, o forró era tocado com pífano (flauta feita de bambu, popularmente conhecida como “pife”) acompanhado por palmas e percussões. Depois veio a rabeca (instrumento artesanal semelhante ao violino, mas com uma afinação diferente), a gaita de boca e finalmente o fole de 8 baixos, também conhecidas como “pé de bode”, “concertina” ou simplesmente “fole” (com afinação específica), que precedeu o acordeon, referência atual na composição de trios ou bandas de forró.

Esses instrumentos melódicos/harmônicos eram acompanhados por um “melê”, grande tambor feito com couro esticado em cima de uma grande lata de óleo. A partir da sonoridade do melê, o instrumento de base rítmica evoluiu para a zabumba, responsável pelo pulsar cadenciado da música.

Alguns instrumentos de origem africana e indígena, como o ganzá e o reco-reco, sempre estiveram presentes na música brasileira. O pandeiro, instrumento de origem árabe, se funde com o forró e com o samba de forma especial, como se fossem feitos um para o outro. O triângulo tem inúmeros registros de seu uso mundo afora, porém isso se dá apenas como instrumento de efeitos sonoros e não como condutor do ritmo, como no caso dos subgêneros do forró.

Os instrumentos usados nas gravações da década de 1940, como tuba, flauta, clarinete, violão de 7 cordas, banjo, cavaquinho, entre outros de origem europeia, passam a compor os “regionais” que acompanhavam os solistas nas gravações dos discos de 78RPM e apresentações ao vivo nas emissoras de rádio.

O contrabaixo, guitarra e bateria aparecem nas gravações do forró a partir da década de 1970, mais precisamente em 1974, no LP “É Proibido Cochilar”, d’Os 3 do Nordeste, lançado pela gravadora CBS, sob direção artística de Abdias, um dos mais habilidosos e produtivos tocadores de “oito baixos”.

Ramificações do forró:

São quatro os ramos básicos do forró, considerados critérios cronológicos e temáticos.

Forró Tradicional (1940s):

Mais conhecido como “pé de serra”, surgiu no nordeste brasileiro no século XIX, principalmente no interior dos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas. Foi levado para o Rio de Janeiro por Luiz Gonzaga na década de 1940, espalhando o forró para todo o Brasil através de discos, rádios e shows.

A década de 1940 foi decisiva para o forró, pois já nos anos 1950 passaria a dividir com outros ritmos e tendências o espaço conquistado no imaginário nacional.

Na lista a seguir, alguns dos principais nomes do gênero e respectivas datas das primeiras gravações:

Exemplo: Luiz Gonzaga teve seu primeiro álbum lançado em 1956, porém, sua primeira gravação, em disco de 78RPM, foi feita em 1941.

Principais Artistas e Trios do Forró Tradicional

☐ Luiz Gonzaga (1956)(*1941)	☐ Trio Nordestino (1963)
☐ Marinês (1956)	☐ Dominginhos (1964)
☐ Jackson do Pandeiro (1955)(*1953)	☐ Osvaldo Oliveira (1964)
☐ Carmélia Alves (1956) (*1943)	☐ Jacinto Silva (1965)
☐ Zito Borborema (1957) (*1956)	☐ Trio Mossoró (1965)
☐ Genival Lacerda (1958) (*1956)	☐ Azulão de Caruaru (1965)
☐ Ary Lobo (1958) (*1956)	☐ Clemilda (1965)

☐ João do pife (1966)	☐ Trio Juazeiro (1977)
☐ Zenilton (1967)	☐ Nazaré Pereira (1979)
☐ Joci Batista (1969)	☐ Fuba de Taperoá (1981)
☐ Elino Julião (1971)	☐ Os Filhos do Nordeste (1982)
☐ Os 3 do Nordeste (1973)	☐ Trio Xamego (1982)
☐ Messias Holanda (1973)	☐ Trio Sabiá (1985)
☐ Lucimar (1976)	☐ Trio Virgulino (1986)
☐ Assisão (1976)	☐ Mestre Zinho (1989)
☐ Edson Duarte (1976)	☐ Tiziu do Araripe (1989)

A seguir, renomados acordeonistas do forró, com as datas das primeiras gravações.

Exemplo: Gerson Filho teve seu primeiro álbum lançado em 1957, porém, sua primeira gravação, em disco de 78RPM, foi feita em 1953.

Principais Sanfoneiros:

☐ Gerson Filho (1957) (*1953)	☐ Geraldo Correia (1964)
☐ Sívuca (1956) (*1951)	☐ Noca do Acordeon (1962) (*1961)
☐ Camarão (1958)	☐ Oswaldinho do Acordeon (1968)
☐ Zé Calixto (1960)	☐ Zé Paraíba (1971)
☐ Adolfoinho (1961) (*1960)	☐ Bastinho Calixto (1973)
☐ Abdias (1961)	☐ Luizinho Calixto (1975)
☐ Pedro Sertanejo (1961) (*1956)	☐ Renato Leite (1976)

- | | |
|---|---|
| ☐ Flávio José (1977) | ☐ Waldonys (1982) |
| ☐ Genaro (1978) | ☐ Arlindo dos 8 baixos |
| ☐ Marcos Farias (1982) | ☐ Adelson Viana (2005) |
| ☐ Severo (1983) | |

Abaixo, alguns dos relevantes compositores e as datas de gravação de suas primeiras obras dedicadas ao forró.

Principais Compositores:

- | | |
|--|---|
| ☐ Humberto Teixeira (1941) | ☐ Jorge de Altinho (1975) |
| ☐ Gordurinha (1946) | ☐ Pinto do Acordeon (1976) |
| ☐ Zé Dantas (1950) | ☐ Benicio Guimarães (1978) |
| ☐ João do Vale (1953) | ☐ Accioly Neto (1978) |
| ☐ Antônio Barros e Cecéu (1956) | ☐ Nando Cordel (1982) |
| ☐ João Gonçalves (1959) | ☐ Petrúcio Amorim (1983) |
| ☐ João Silva (1960) | ☐ Maciel Melo (1984) |
| ☐ Zé Marcolino (1962) | ☐ Chico Pessoa (1992) |
| ☐ Anastácia (1965) | ☐ Xico Bezerra (1995) |
| ☐ Durval Vieira (1970) | |

O forró tradicional sempre existiu, mas teve seus altos e baixos. Durante a década de 1960 foi sufocado por outros estilos musicais, como a bossa nova, o iêiêiê, o rock e o jazz. Teve uma nova ascensão com a chegada dos artistas do “forró MPB” (Música Popular Brasileira).

Forró MPB (1970s):

Artistas jovens, com influências do forró tradicional e ousadia própria da idade, misturaram o forró com as tendências musicais da época, resgatando o gênero para o cenário artístico e holofotes da mídia.

Já na década seguinte, de 1980, o forró passaria a perder novamente espaço para a música estrangeira e suas variáveis nacionais, como rock, baladas românticas, música brega (ou de “roedeira”) e lambada, basicamente fenômenos de mídia e seus espectros seletivos. Os bons ficaram, os maus passaram e os antigos hibernaram outra vez.

Com essas influências, escreve-se um novo capítulo na história do forró, com o surgimento das grandes bandas e seus pragmatismos estéticos e parafernalias sonoras.

Abaixo, alguns dos principais representantes do forró MPB.

Principais Artistas do Forró MPB

- | | |
|--|---|
| ☐ Quinteto violado (1972) | ☐ Xangai (1976) |
| ☐ Fagner (1973) | ☐ Amelinha (1977) |
| ☐ Banda de Pau e Corda (1973) | ☐ Geraldo Azevedo (1977) |
| ☐ Alceu Valença (1974) | ☐ Elba Ramalho (1979) |
| ☐ Zé Ramalho (1975) | ☐ Chico Cesar (1995) |

Forró Eletrônico (1990s):

“Moderno”, “eletrônico”, “estilizado”, “de plástico”, entre variadas e controversas denominações, servem para caracterizar esse caminho adotado por grupos musicais contemporâneos, desgarrados do ramo tradicional do forró, traçando uma linha que, temática, musical e ritmicamente falando, não tem mais qualquer ligação com os ritmos que compõem o estilo original.

Caracteriza-se pela formação de bandas com muitos músicos em cima do palco, instrumentos elétricos, mais de um vocalista, sensuais dançarinos e dançarinas, arranjos modernos, sistema próprio de gravação de discos e domínio comercial das rádios, tendência que quase sufocou totalmente o forró tradicional.

Com o som dessas bandas circulando em todo nordeste, o forró tradicional praticamente saiu de cena e as casas noturnas dedicadas ao segmento praticamente fecharam todas. Um lampejo de “resistência” surgiria ao final da década de 1990 e início dos anos 2000, no sudeste brasileiro, com a febre do “forró universitário”.

A seguir alguns dos principais representantes do Forró Eletrônico.

Principais Artistas e Bandas de Forró Eletrônico

- | | |
|--|---|
| ☐ Mastruz com Leite (1992) | ☐ Banda Calypso (1999) |
| ☐ Mel com Terra (1993) | ☐ Cavaleiros do Forró (2001) |
| ☐ Frank Aguiar (1993) | ☐ Aviões do Forró (2002) |
| ☐ Limão com Mel (1993) | ☐ Garota Safada (2003) |
| ☐ Cavalo de pau (1994) | ☐ Dorgival Dantas (2006) |
| ☐ Banda Magníficos (1995) | ☐ Luan e o Forró Estilizado (2014) |
| ☐ Catuaba com Amendoim (1996) | |

Forró Universitário (2000s):

Com o forró tradicional sendo tocado em festas ‘underground’ da cena universitária do sudeste brasileiro, alguns trios saem do ostracismo para tocar nesses encontros, surgindo um ambiente social e artístico propício à dança e à música, permitindo o surgimento de novas bandas, que misturam o antigo com as tendências da ocasião, adotando roupagens e temáticas jovens. Estilo próximo ao original, porém com uma abordagem urbana.

Alinhada com um momento efervescente da música, o forró universitário conseguiu ser alçado às exposições televisivas e seria um dos últimos produtos de mídia impulsionado comercialmente pelas gravadoras – que sucumbiriam, pouco tempo depois, em decorrência da facilidade em copiar e compartilhar músicas, surgida com o advento da tecnologia digital.

Abaixo alguns dos principais representantes do Forró Universitário.

Principais Artistas e Bandas do Forró Universitário:

- | | |
|----------------------------|----------------------------|
| • Falamansa (2000) | • Chama Chuva (2001) |
| • Bicho de Pé (2001) | • Baião d4 (2001) |
| • Peixelétrico (2001) | • Paratodos (2001) |
| • Raiz do Sana (1999) | • Rastapé (2002) |
| • Baião de Corda (2000) | • Caiana (2002) |
| • Circuladô de Fulô (2001) | • Banguela Banguela (2002) |

Cenário atual

Quando a indústria fonográfica e a mídia pararam de injetar flashes e recursos para manter o forró em evidência na mídia, outros estilos passaram a dominar o mercado, tirando o forró outra vez de cena.

Em meados da década de 2000, o forró tradicional voltaria a se fortalecer, na esteira de eventos voltados exclusivamente para o segmento, induzindo a formação de novos trios, com jovens músicos produzindo e se dedicando ao gênero tradicional.

Segue listagem de alguns dos principais grupos e artistas mais recentes ligados ao ramo tradicional do forró, com influências e performances diferentes, mas todos dentro da mesma proposta musical.

Principais Artistas Recentes do Forró Tradicional:

- | | |
|---------------------------|--------------------------|
| • Mestre Ambrósio (1996) | • Trio Juriti (2007) |
| • Cascabulho (1998) | • Quarteto Olinda (2009) |
| • Trio Forrozão (1998) | • Trio Alvorada (2010) |
| • Forróçacana (1999) | • Diego Oliveira (2010) |
| • Silvério Pessoa (2000) | • Dona Zaíra (2011) |
| • Trio Pé de Serra (2001) | • Pé de Mulambo (2011) |
| • Targino Gondim (2001) | • Trio Lampião (2011) |
| • Clã Brasil (2002) | • Trio Bastião (2012) |
| • Trio Dona Zefa (2004) | • Ó do Forró (2013) |
| • Nicolas Krassik (2004) | • Mestrinho (2014) |
| • Trio Potiguá (2006) | • Jorge do Rojão (2014) |
| • Josildo Sá (2006) | • Lucy Alves (2014) |

- Nando Nogueira (2015)
- Os Fulanos (2015)
- Coisa de Zé (2015)
- Santanna (2001)
- Trio Macaíba (2013)

O ramo tradicional do forró continua existindo, renovado a cada ano, com novos artistas surgindo e se dedicando à produção cultural mais próxima da escola pioneira.

Hoje, mais de um século após o nascimento de Luiz Gonzaga, principal referência dos apreciadores do segmento, o forró se espalha novamente pelo mundo, impulsionado pela dança e música peculiares, recheadas de significados e estéticas aparentemente imunes a modismos e distorções.

Apoiado pela massificação da internet, o forró atravessou fronteiras e conquistou pessoas que nunca tinham ouvido ou dançado o estilo e que agora rodopiam tão bem quanto os melhores dançarinos brasileiros. Povos, de variadas etnias, que têm se envolvido com a língua e cultura brasileiras pelos braços do forró, ajudando a difundir e fomentar o que há de melhor nas veias e vias sonoras do país.

Um crescente e estimulante exemplo a ser seguido pelos próprios brasileiros, no geral ainda distantes de suas raízes culturais, tão respeitadas e exaltadas em todo o mundo.

Para tal, é necessário, fundamentalmente, ouvir – e, se possível, dançar – muito mais e com maior frequência as sonoridades originais. O tal “mercado” nunca fica parado. Bobeou, passou. Estudar e difundir a história da música brasileira e, particularmente, o forró, além de prazeroso e pessoalmente enriquecedor, é parte incondicional na estratégia coletiva de resistência, em resposta às anomalias rítmicas e poéticas que contaminam atualmente o cenário da inventiva e inigualável musicalidade nacional.

Cenário futuro

A cada ano o surgem novos adeptos, da dança e da música, o que renova a cena artística, e mesmo com seus altos e baixos, o forró continua firme e forte.

“...o forró é madeira de dar em doido, nunca vai se acabar!!!...” (Parafuso)

Como exercício individual, com aplicações coletivas, fica no ar a pergunta que só o futuro responderá com a solidez necessária: “Qual o próximo passo do forró?”.

Em meio às variáveis previsões, apenas uma se faz perene e imutável: “esse jogo não pode ser um a um” (Jackson do Pandeiro)

Puxe o fole, sanfoneiro!

Leituras complementares

Já existe um razoável repertório de livros e teses abordando a temática “forrozística” com o devido zelo documental e crítico. Ensaaios, dicionários, livros reportagem e biografias (além de incontáveis documentários disponíveis na internet) têm surgido nas duas últimas décadas com regularidade promissora, embora ainda de forma tímida, considerando a vastidão de itens, fatos e personagens. É campo aberto para novas e diversificadas pesquisas e abordagens. História em construção, as indicações de leitura que seguem não esgotam o assunto, mas servem como irrigação perene nesse chão fértil de possibilidades. Uma base para o plantio de outras colheitas.

Pesquise, leia, ouça, garimpe, mas acima de tudo, compartilhe o conhecimento, as músicas, os vídeos, os textos, as fotos, enfim... Multiplique o forró!!!

Pesquisa e texto:

Ivan Dias (SP), pesquisador, DJ, músico, produtor de eventos e criador do site forroemvinil.com

Email: ivandiasok@gmail.com

SandrinhoDupan (PB), músico, produtor artístico e pesquisador do 'Museu dos Três Pandeiros' (MAPP), de Campina Grande - PB.

Email: dupandeiro1034@gmail.com

Redação final

Fernando Moura (PB), jornalista, escritor, pesquisador musical, biógrafo de Jackson do Pandeiro e curador de música do Museu dos Três Pandeiros (MAPP), de Campina Grande - PB.

Agradecimentos:

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), ao Museu dos 3 Pandeiros (MAPP), ao professor da UFPB Dennis Bulhões, ao coreógrafo Mauro Araújo, à dançarina Leandra Farias, à professora Elvira Gabriela e aos músicos: Parafuso, Marcos Farias e Roninho do Acordeon.

Referencias Bibliográficas

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 11. ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2002.

MOURA, Fernando, VICENTE, Antônio. Jackson do pandeiro – O rei do ritmo. 01. ed. 34

MARCELO, Carlos, RODRIGUES Rosualdo. O fole roncou – Uma história do forró. 01. ed. Zahar

NÔBREGA, Rômulo, ALVES, Batista José, Pra dançar e xaxar na Paraíba – Andanças de Rosil Cavalcanti, 2015

DREYFUS, Dominique, Vida de viajante: A saga de Luiz Gonzaga, Editora 34, 1996

DIAS, Leda, FERREIRA, Lucinete, Eu Sou Anastácia! Histórias de uma Rainha, Editora Facform 2011

SEVERIANO, Jairo, MELLO, Zuza Homem de, A canção do tempo: 85 anos de músicas brasileiras, vol. 1: 1901-1957, Editora 34 1997.

SEVERIANO, Jairo, MELLO, Zuza Homem de, A canção do tempo: 85 anos de músicas brasileiras, vol. 2: 1958-1985, Editora 34 1998.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque, A Invenção do Nordeste e outras artes, Cortez Editora 2011.

JOSÉ, Luciano, Jacinto Silva – As Canções”, Imprensa Oficial 2013

Site: Forró em vinil (Pesquisa de áudios, vídeos e imagens) www.forroemvinil.com

Palestra com o pesquisador Paulo Vanderlei, na UEPB, maio/2012

Museu de Arte Popular da Paraíba – UEPB (Pesquisa de áudios, vídeos e imagens)

Entrevista: Com o músico Parafuso, um dos fundadores do grupo Os 3 do Nordeste em 2015, na edição do Festival Rootstock.



Universidade
Estadual da
Paraíba



MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA



www.forroemvinil.com



ISBN - 978-85-63984-66-1

